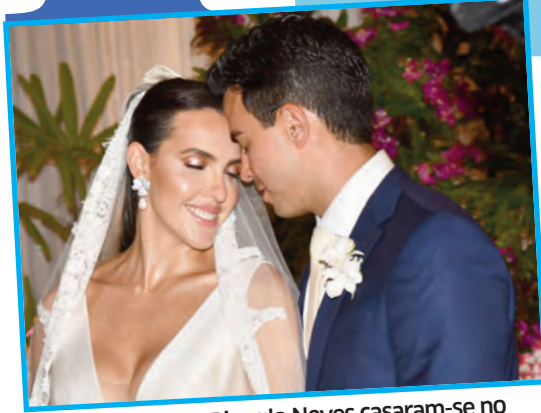


União dos médicos Letícia e Ricardo em bela cerimônia ao pôr do sol no Calhau

• PÁGS. 3, 4, 5 e 6



Letícia Lauande e Ricardo Neves casaram-se no sábado dia 9, durante um bela festa no Calhau

Viviane Murad faz parte da série Mulheres como coautora do livro Mulheres no Agronegócio

• PAG.2



Divulgação/Herbert Alves



VISTA
panorâmica da bonita
cerimônia ao pôr do sol
do casamento de Letícia
Lauande e Ricardo Neves
na bela casa dos Murad,
no Calhau
• PÁGS. 3, 4, 5 e 6

Baudelaire nos lembra que cada época tem seu porte, seu olhar, seu sorriso e “não temos o direito de desprezar ou de prescindir desse elemento transitório, fugidivo, cujas metamorfoses são tão frequentes”. Se suprimirmos esse elemento, “podemos cair, forçosamente, no vazio de uma beleza abstrata e indefinível, como a da única mulher antes do primeiro pecado”.

Dizem os de sentimentos menos aguçados para perceber matizes, indícios e entretrens, que a primavera não nos visita. Que passa ao largo desta Ilha tropical de claros dias ensolarados.

Quem assim pensa não tem razão. Em tudo está aqui presente a primavera, porque revelada no verde mais verde das palmas e dos arvoredos, na mais intensa coloração de tudo quanto a terra nos oferece como sinal de sua uberdade. As frondosas árvores de pau d’arco – ou ipês, como são chamados no sul do Brasil – despiram-se das folhas para se cobrirem de flores brancas, roxas ou amarelas. Ramos de buganvília exibem cores vivas no ar. E por toda a vegetação está visível o viço da temporada, repleta de perfumes, plena de frutos sumarentos e marcada por ágeis asas que tatalam saudando a vida de um planeta que se recusa a morrer, apesar das muitas agressões que lhe vem impondo o homem.

TEMPO DE FLORAÇÃO

ou a flor de todas as estações como a da única mulher antes do primeiro pecado

Não há como negar que a primavera aqui nos trópicos seja mais uma expectativa que uma realidade. Não é uma estação, pura e simplesmente. É estado propiciatório, rito de passagem para o verão que se aproxima. Verão que é o próprio clímax, vértice supremo, suprema realização de uma cidade de adoradores do sol, de cultores insaciáveis de praia e de mar.

Mas, por enquanto, há só uma poeira fina no ar. Pólen luminoso de árvores que iniciam a floração. Por enquanto, apenas um leve aperto no coração, melancolia, talvez, talvez um susto, porque um outro ciclo se aproxima e subitamente nos damos conta de que já é quase verão e o tempo passa.

Aqui, mal os ipês começam a colorir as ruas e praças, as pessoas já apresentam comportamentos fora da rotina.

“La primavera la sangre altera”. E tanto isso é

verdade que, não faz muito tempo, uma senhora da Melhor Idade passou horas encarapitada no alto de uma árvore, no Rio Grande do Sul, para impedir o avanço de um calçadão sobre as plantas. Ganhou, merecidamente, os seus minutos de fama com um gesto que já foi símbolo da rebeldia politicamente correta em 2008, em São Luís, no célebre episódio em que um grupo de jovens estudantes salvou com um abraço uma sumaúma (ou barrigudeira) da motosserra.

As flores são os pensamentos das plantas, já disse um pensador com espírito poético. Não sei que tipo de floração tem a árvore protegida pela senhora aposentada –, mas acredito que ela retribuirá com beleza e perfume, além de uma sombra generosa, a pública manifestação de amor à natureza.

Na época, pelo que li na reportagem sobre o incidente, a corajosa senhora também ama a

natureza humana: canta num coral, frequenta a igreja e visita os doentes da comunidade. É, portanto, uma flor de todas as estações, que espalha fragrância de solidariedade por onde passa. E um exemplo para pessoas de todas as idades que, ao menor contratempo, desistem de executar os movimentos mais belos da vida. Trata-se de uma escolha: alguns preferem ser parasitas, outros ousam e se transformam em orquídeas.

Subir em árvore é um ato emblemático, talvez até atávico, se considerarmos a nossa descendência animal. A árvore é o primeiro desafio de toda criança, um convite à aventura e à superação do medo. Não conheço um só menino que não se sinta compelido a depender-se num galho ao alcance de suas mãos. Nada mais natural, portanto, que os adultos também sintam esta tentação de vez em quando. É uma maneira de voltar à infância.

Sem riscos, evidentemente. Não é recomendável que idosos despreparados tentem repetir o gesto da senhora de mais de 70 anos sem uma boa causa. Mas ela conseguiu, com a sua atitude decidida, muito mais do que salvar a árvore ameaçada. Desmentiu, também, um antigo aforismo atribuído ao poeta Schiller, de que a primavera da vida floresce uma vez e nunca mais.

Nos corações generosos, renova-se a cada dia.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Viviane Murad Smith e Elis Regina Pês



Raiane e Lauro Castro Moura

NOS EMBALOS DO GRAND CRU

Considerado um dos melhores endereços gastronômicos de São Luís, o bistrô Grand Cru, na Ponta d'Areia, é atualmente um dos mais bem frequentados desta capital, não só pelo ambiente charmoso e acolhedor, mas também pela boa música de artistas como Morgana Storm,

pelo excelente cardápio criado pelo Chef Alexandre e o correto serviço comandado pelo maître Denis.

Noite dessas executivos do Grupo Mota Machado promoveram uma concorrida degustação de vinhos na agradável área da varanda do bistrô



Jura Filho e Naildes



André Jardins e Elly



Renan Almeida e Camila Lima (executivos da Mota Machado)



Larissa e Mauro Fonseca



Leopoldo Santos Neto e José Sobral Neto



Déia e Luiz Campos Paes



Mariana e Alexandre Brandão



Manu Schiavotelo Mendonça, Manuela Lago e Mariana Brandão



Naildes Araújo Lago e Natália Milhomem



Alexandre Brandão, Eduardo Jorge Lago e Altevir Mendonça Silva

Ainda dá tempo

Nos últimos dias, o assunto mais badalado na imprensa internacional foi a morte de Domenico De Masi. O mundo perdeu um dos seus críticos. Quando ele começou a denunciar a insanidade da correria de nossos dias, a falta de tempo de qualidade, foi profético, pois não estava tão ruim como agora. Já trabalhávamos muito e vivíamos pouco, agora piorou.

Sua questão era como equilibrar nossa vida para não nos enredarmos

numa intensidade de trabalho, que parece ser muito produtiva, mas não é.

Ele defende mais ócio, um período para não fazer nada, para podermos assimilar o que vivemos e sermos mais criativos. Sem distanciamento, sem um olhar de fora, a tendência é continuar nas rotinas insensatas e pouco produtivas.

É um paradoxo: se você não se desfocar, depois não acerta o melhor foco.

Ainda dá tempo...2

Walter Benjamin tem uma frase síntese: O tédio é o pássaro que choca os ovos da experiência. A questão não é só ter vivido algo, é preciso assimilar. Para tanto são imprescindíveis a pausa e o vazio, para que incorporem o vivido como experiência.

Um mundo sem tempo livre tende à pobreza de experiências. Sem a lenta assimilação, o que foi vivido, e não narrado, escorre com a chuva da rotina.

Uma vida sem experiências vai além do empobrecimento. O consumismo impera. Nele evidencia-se que não se ultrapassa

a dinâmica do trabalhar/comprar. E revela que os objetos não nos suprem.

Insistimos na deriva das compras, para não enfrentarmos que navegamos uma existência insípida. Nos endividamos para ter um guarda-roupa para três encarnações. Trocamos horas de vida por um carro acima das nossas posses, para que nosso vazio ao menos tenha moldura.

Quanto tempo suamos para comprar bugigangas que sinalizariam termos uma boa vida para outras pessoas que trabalham para fingir ter uma boa vida?

Ainda dá tempo...3

Outra causa da falta de experiência é a aceleração da vida. Quando se vive velocemente, pouco retém-se do vivido. Vive-se freneticamente na tentativa de sentir algo duradouro. É como a compulsão por comida, como nada sacia, segue-se devorando sem nunca se sentir satisfeito.

O espírito fabril vazou para o

mundo de tal forma que agora exigimos de nós melhores performances até no gozo da vida.

Quando pergunta-se aos idosos em que eles mudariam se pudessem voltar no tempo, a resposta é quase sempre a mesma: teriam trabalhado menos para passar mais tempo com seus queridos.

Com certeza, ainda dá tempo.

Mulheres no Agronegócio

Viviane Murad foi convidada para fazer parte da Série Mulheres como coautora do Livro Mulheres no Agronegócio, que será lançado no próximo dia

22, às 19h.

Com o selo da editora Leader, o livro será autografado na Biblioteca Dom Bosco Exponencial, no Renascença.

As séries coreanas

Conhecidas como doramas, produções com tramas românticas conquistam os brasileiros e ganham destaque no streaming.

A atmosfera idílica, o tom romântico, os figurinos impecáveis. É fácil identificar os romances coreanos nas plataformas de streaming –

especialmente porque, nos últimos meses, eles se popularizaram a tal ponto que é quase impossível não encontrá-los já nas páginas principais, entre os títulos mais assistidos.

Inicialmente programas de nicho, os doramas conseguiram furar a bolha e caíram de vez nas graças dos brasileiros.

As séries coreanas...2

– Se tu não queres te viciar, não começa a assistir – aconselha uma amiga de 47 anos, que entrou na onda coreana em 2020, para acompanhar a filha adolescente, e hoje afirma que sua página na Netflix está “entupida” de doramas.

– Eu tinha uma barreira no início, mas foi só assistir que me apaixonei.

Geralmente em formato de minissérie, somando de 16 a 20 episódios, os doramas ficaram conhecidos no Brasil como as

produções ficcionais da Coreia do Sul.

Apesar de o país asiático produzir gêneros diversos, a comédia romântica é de longe o que mais faz sucesso. Em sua maioria, as tramas abordam amores complicados, mas também tocam em questões como bullying, desigualdade social e pressão familiar – em um estilo clássico de melodrama parecido com o que vemos nas nossas novelas.

As séries coreanas...3

No ano passado, o Brasil foi o quinto país que mais consumiu séries coreanas no mundo, conforme dados do governo da Coreia do Sul acessados pelo Box Brazil Media Group.

O número é impressionante se pensarmos que essas produções chegaram aqui mais de uma década depois da hallyu, a “onda coreana”, começar a se espalhar, primeiro por países da Ásia, depois

Europa, América do Norte, Oceania e, por fim, América Latina.

– Os k-dramas (outro termo que se refere a séries coreanas) chegaram perto dos anos 2010 ao Brasil, nada disso em Netflix, HBO ou outra dessas grandes plataformas. A gente tinha um trabalho de fã para fã. O sucesso hoje tem a ver com a digitalização do mundo.

As séries coreanas...4

Nos últimos três anos, as plataformas de streaming notaram o fenômeno e começaram a investir nesse tipo de conteúdo. A partir daí, a bola de neve não parou de crescer, e séries como Pousando no Amor e Uma Advogada Extraordinária viraram hits.

Hoje, o formato está sendo exportado mundo afora – já há, inclusive, um drama brasileiro.

Lançada no último 20 de julho na HBO Max, a série Além do Guarda-Roupa foi produzida no Brasil, tem personagens brasileiros e se passa em São Paulo; mas tem ritmo, trama e estética semelhantes às das comédias românticas coreanas.

Desde a estreia, a primeira temporada figura entre os conteúdos top 10 de exibição na plataforma no Brasil.

As séries coreanas...5

Além do Guarda-Roupa traz, de um lado, elementos que estamos acostumados a ver nas nossas novelas, como os vários núcleos e os cenários tipicamente brasileiros. Por outro, nos põe ao lado da protagonista enquanto ela se permite se aproximar da cultura coreana.

Estamos em um misto de série,

novela e drama. Fomos beber na fonte coreana em termos de ritmo. Por exemplo, a produção brasileira mostra todos os detalhes do relacionamento, porque, como nos doramas o beijo se dá só no final, temos que valorizar cada passo de aproximação e de distanciamento do casal.

As séries coreanas...6

Mas, afinal, por que os doramas fazem tanto sucesso no Brasil? Para começar, nada disso é obra do acaso. É, sim, uma estratégia cultivada pelo governo sul-coreano desde o final dos anos 1990, quando identificou na cultura (e especialmente na música e na teledramatúrgia) potencial de fortalecer a identidade nacional e exercer influência em outras regiões do globo.

O país criou leis de incentivo, abriu cursos de comunicação nas universidades e enviou profissionais para estudar empresas de entretenimento de outros países.

Foi assim que, com o tempo, se formou a hallyu. Em diferentes linguagens, a cultura do país asiático quebrou recordes e provou ser capaz de bater de frente com a indústria norte-americana também no quesito qualidade – basta lembrar que, em 2020, o longa Parasita foi o grande vencedor do Oscar e, no ano seguinte, Round 6 se tornou a série mais assistida da Netflix.



Maria do Socorro Jorge Cruz Neves conduzindo o filho Ricardo ao altar



A mãe da noiva, Cybelle Cunha de Pádua Lauande, com o pai do noivo, Luiz Henrique Cunha Neves



José Mário Cutrim e Lauande levando a filha Leticia ao altar



Os noivos Leticia e Ricardo trocam as alianças



Os noivos assinando o livro de registro de casamentos



Os noivos no criativo altar montado para a cerimônia, com vista para o mar da praia do Calhau

CASAMENTO

ao pôr do sol de Leticia e Ricardo Neves

Um dos mais belos cenários para uma cerimônia de casamento, sem dúvidas, é o da própria natureza. Os casamentos ao ar livre têm se destacado cada vez mais pós pandemia, e o pôr do sol surge como cenário ideal.

Para o casamento de sua filha Leticia, a designer de interiores e decoradora Cybelle Lauande escolheu o belíssimo cenário que se descortina dos jardins da residência dos amigos Ceres e Roosevelt Murad, com vista deslumbrante para o mar da praia do Calhau, local que já serviu de palco para nada menos que outras 11 cerimônias de casamento.

Com uma decoração muito bonita, iluminação idem, e serviço do Buffet Rossetti, a cerimônia começou às 17h, seguindo-se a festa num espaço coberto por mangueiras.

E assim, Leticia, que é filha de José Mário Cutrim e Lauande e Cybelle Cunha de Pádua Lauande casou-se no último sábado com Ricardo, filho de Luiz Henrique Cunha Neves e Maria do Socorro Jorge Cruz Neves.

Convidados de várias partes do país circularam na festa aberta pelo DJ Alex Palhano e que teve a participação de grupos musicais famosos, como PP Junior e sua banda.



Os noivos Leticia e Ricardo trocando carícias



Os noivos durante a cerimônia de casamento



Os noivos com o cotejo de honra: as daminhas Ana Laura Neves (no colo), Isadora Neves, Catarina Murad Lauande, Maria Clara Vaz Sousa e Isadora Murad Lauande, e os pajens Bernardo Vaz Sousa, Rodrigo Berti e Mateus Lauande



Os noivos Leticia e Ricardo brindam de champagne com os pais dela, Cybelle Cunha de Pádua Lauande e José Mário Cutrim e Lauande e os pais dele, Maria do Socorro Jorge Cruz Neves e Luiz Henrique Cunha Neves

Fotos/Divulgação/ Herbert Alves

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Os noivos Letícia e Ricardo na pista de dança abrindo o baile, após a cerimônia nupcial



Cintia Klamt Motta



Patrícia Petrus



Rogério Saladino e Bianca Klamt com Rodrigo Klamt e Marcella Tranches



Luana Feitosa, Camila Balluz e Fernanda Fernandes



Manuela Martins e Maria Gabriela Klamt



Rebecca Murad Lauande



Luanne Holanda



Vinicius Lima e Sofia Heringer



Raissa Murad



Taís Berti Franchin



Osmir Sampaio e Graça com Ricardo Medeiros e Valéria Lauande



O Repórter PH entre Marisa Ribeiro e Cybele Lauande



Alvaro César Ferreira e Cristina, com Scarlet Ancelewitz e Elias Serra



Márcio Gomes Assub e Layla com José Mário Lauande



Cybele Lauande e Ana Cristina Maranhão



Klariça Ramos



Natália Dávila



Mirelly Martins Maciel e Laura Medeiros Borges



Sônia e Wagner Berti



Os noivos Leticia e Ricardo em momento romântico



Os noivos Leticia e Ricardo com os pais dela



Antônio Cordeiro Filho e Ana Cristina Maranhão



Maluda e Fernando Fialho



Wagner Lago e o Repórter PH



José Ruy e a filha Mariana Lauande Coutinho



A noiva jogando o buquê para as amigas casadoiras



Antônio de Pádua Silva Sousa, Marielza Cruz Sousa, Luiz Henrique Neves, Maria do Socorro Cruz Neves, Sônia Berti e Wagner Berti



Marta Lago, Cintia Klamt Motta, Marília Maranhão, Fátima Martins e Scarlet Ancelewitz



Salim Lauande e Andreia com Andressa Nasser e Erick Duarte



Marcos Aurélio Freitas e Kátia Cristine Abrantes com os noivos



Rodrigo Almeida e Catharina Xavier



Ceres e Roosevelt Murad com os filhos Eric, Raissa e Rebeca



Dr Alexandre Guilherme (chefe da UTI da UDI) e Gleiciane Carvalho

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Os noivos Letícia e Ricardo em pose especial com os seus pais



Rebeca Murad e Rodrigo Lauande, os noivos Letícia e Ricardo, Lourdinha Lacroix e Guilherme Lauande



Leandro Araujo e Luanne Holanda com o Repórter PH



Ceres Rodrigues Murad com as filhas Rebeca e Raissa



Bianca Klamt e Rogério Saladino, Cintia e Fernando Motta, Marcella e Rodrigo Klamt Motta



Antônio de Pádua Silva Sousa e Marielza Cruz Sousa, os noivos Letícia e Ricardo e Sonia e Wagner Berti



Os noivos Letícia e Ricardo entre Mariana Hollaender, Lucas Mendes, Mariel Corrêa e Wagner Mandrini



Danielle Bringel Guimaraes, José Eduardo San Lucas, os noivos Letícia e Ricardo, Aline Fialho Vale e Igor Vale



Os noivos entre os casais Camila Balluz e Yuri Capelasso, Natália Dárvila e Acyr Bringel Figueiredo



Mayara Melo, Mário Luan, os noivos Letícia e Ricardo, Bárbara Logrado e Vinicius Lima



Os noivos Letícia e Ricardo, chegando ao salão da recepção



Tais Berti Franchin e Carlos Alberto Franchin Neto



Maria da Graça Brito da Silva Akuamo e Maria de Lourdes Brito Silva



Fátima Martins, Rosário Almeida, Cristina e Álvaro César Ferreira e Elias Serra



Os troféus Literarte, entregues aos homenageados

Homenagem na Bienal do Livro

Na Bienal do Livro Rio 2023, realizada no Riocentro, ocorreu no dia 2 de setembro um evento conjunto no estande da Ler Editorial, para a entrega de troféus, certificados e lançamento de livros, da Associação Internacional de Escritores e Artistas – Assoc Literarte (Izabelle Valladares), Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul – ABARS, juntamente com a Editora Mágico de Oz (Izadora Valladares), numa confraternização entre escritores e artistas de diferentes estados.

Na mensagem enviada aos participantes, a presidente da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul – ABARS, escritora Bernadete Saidelles, parabenizou os que receberam a premiação, “escritores e artistas independentes, que bancam suas obras com esforço e dedicação, e se reúnem para marcar presença em grandes eventos culturais e literários, porque entendemos que não adianta se empenhar em produzir excelentes obras se o mundo não ficar sabendo”.

Do Maranhão foram homenageados: as escritoras Gorete Pereira, Marcia Reis, Natividade, Teresa Cristina e Clores Holanda Silva e os escritores Jonilson Boga e Mikeas Cardoso



O troféu recebido por Clores Holanda Silva



Clores Holanda Silva com o seu diploma, entre Izabelle Valladares e Bernadete Saidelles



O Diploma conferido a Clores Holanda Silva



A médica Hosana Reis e sua filha, também médica, Marina Reis

Hosana Reis integra seletivo grupo de médicos que lançará livro em SP

A médica Hosana Reis integra um seletivo grupo de médicos que terá a sua trajetória profissional retratada em livro que contará a história da dermatologia no Brasil.

A obra Dermatologia & Gerações, idealizada pela médica Geisa Costa, é totalmente beneficente e traz a história de 22 profissionais referências no Brasil em sua área de atuação.

Na publicação, os médicos convidados e coautores compartilham, além de sua trajetória, visões de futuro, interligando gerações e seus legados.

No caso de Hosana Reis – única médica do Norte e Nordeste a compor a edição – ela conta a sua história e a de sua filha, Marina Reis, também médica e sucessora. Cada médico escreveu um capítulo da publicação retratando sua trajetória.

O livro – que a cada dois anos será reescrito para apresentar novidades na área e a nova geração de médicos, que irão abraçar o legado da família – será lançado dia 20 de setembro, próxima quinta-feira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) e, em breve, será lançado em São Luís.



DE RELANCE

FAÇO CORO com Nilson Souza quando pergunta: onde foi parar todo mundo? Ele tem se perguntado seguidamente onde estão as pessoas, que não participam mais de reuniões de amigos e conversas presenciais.

ELE CONTA que na semana passada foi ver a Barbie – no cinema de um grande shopping e num final de tarde de sábado. Achou que a sala estaria lotada. Havia, no máximo, uns 20 espectadores.

TUDO BEM, já passou a onda rosa, pensou. Nossa época é tão vertiginosa que o minuto anterior já é passado remoto. Há poucos dias, a boneca mais que perfeita estava em toda parte. Agora, já ninguém mais fala nela. É provável até que estejam pensando em fazê-la voltar para sua caixa – como no filme.

CLARO que as pessoas não desapareceram. O shopping, devemos reconhecer, estava lotado. Centenas de indivíduos circulavam por lá. A maioria com a cabeça em outro mundo. A cabeça, os olhos e a atenção, principalmente essa última.

O CINEMA, aliás, é o derradeiro reduto da atenção focada. Na base do constrangimento, é verdade: antes do apagar das luzes, avisos reiterados mandam desligar o celular. Assim mesmo tem gente que passa o tempo todo dando espiadinhas na telinha luminosa.

É ELE, obviamente, o abductor de atenções. O feitiço é coletivo: em casa, no escritório, na rua, na

parada de ônibus, na direção do carro, da moto, na caminhada, no encontro com os (cada vez mais raros) amigos, homens e mulheres (adolescentes, crianças e até bebês) não tiram os olhos do celular.

OUTRO DIA, num restaurante onde costumava almoçar, foi observada uma jovem na fila do bufê: ela colocou prato, talheres e o celular na bandeja. Pegava uma colherada de alguma coisa e, com a outra mão, digitava mensagens no aparelho. Fez todo circuito assim. E manteve o ritmo, depois, enquanto comia. A urgência digital já supera a fome.

PODE PARECER ranço analógico, mas consideramos um desperdício de humanidade que as pessoas deixem de conversar frente a frente, deixem de se olhar nos olhos, de trocar abraços e de rir aquele riso contagiante que só é possível com a proximidade física.

SENTIMOS falta de salas lotadas, de debates acalorados, de perguntas e respostas inteligentes e até mesmo das gafes que costumamos cometer quando estamos num grupo.

COMO resgatar a atenção perdida? Creio que o cinema é uma boa metáfora. Se não podemos apagar todas as luzes do entorno para forçar a concentração, talvez possamos desligar por alguns momentos a tela luminosa que carregamos no bolso, na bolsa ou no painel do carro.

DESCONEXÃO temporária deste mundo virtual

e paralelo que isola, escraviza e provoca ansiedade.

AGORA, saindo do mundo virtual para os gramados, vale o registro: como era esperado, o Brasil passou pelas duas primeiras rodadas das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2026 com 100% de aproveitamento, mas encontrou dificuldades para superar problemas do passado: a “Neymardependência” e a falta de um camisa 9.

EM SEU primeiro jogo como visitante sob o comando de Fernando Diniz, a Seleção Brasileira bateu o Peru em Lima por 1 a 0, com um gol nos minutos finais, utilizando uma arma da Era Tite: o jogo aéreo.

EXPLICHO: a cabeçada do zagueiro Marquinhos, após cobrança de escanteio de Neymar, aos 44min do segundo tempo, deu ao Brasil a liderança das Eliminatórias.

A EMPOLGAÇÃO após a estreia diminuiu depois do jogo difícil em Lima. Embora tenha entrado com a mesma formação que atropelou a Bolívia, o Brasil sofreu para bater a seleção peruana, que se mostrou um adversário mais complicado.

JOGANDO bem ou mal, o Brasil não perde nas Eliminatórias desde outubro de 2015 (2 a 0 contra o Chile, em Santiago). A Seleção chegou a 36 partidas de invencibilidade na competição: 28 vitórias e oito empates.

MAS SE o Brasil quiser recuperar o protagonismo internacional e conquistar o hexa, terá de buscar soluções para dois problemas que perseguem a equipe desde os tempos de Tite. Com seus altos e baixos, Neymar demonstrou que o bom desempenho e o diferencial da equipe passam por sua cabeça e por seus pés.

EMBORA tenha cobrado o escanteio para o gol, o camisa 10 fez um jogo discreto em Lima, ao contrário da boa atuação contra a Bolívia.

O BRASIL também precisa encontrar um centroavante de confiança, que parecia ser Richarlison. Em má fase, o atacante de 26 anos perdeu espaço no Tottenham, passou em branco nos dois jogos e chorou no banco em Belém.

APÓS A partida de Lima, Richarlison revelou que problemas particulares atrapalharam o seu desempenho e que vai buscar ajuda psicológica na Inglaterra. :

- ESSES últimos cinco meses foram difíceis para mim, mas graças a Deus já melhorou. Pessoas que estavam próximas, só de olho no meu dinheiro, botei para ralar também. Agora é procurar ajuda psicológica.

SEUS substitutos, Matheus Cunha e Gabriel Jesus, também não balançaram as redes, levantando dúvidas para os próximos jogos.



Os antigos bondes trafegando pela rua do Passeio e Praça Deodoro

ÉRAMOS FELIZES E NÃO SABÍAMOS

Com base nas crônicas do livro com o título acima, de autoria do poeta, jornalista e boêmio Bernardo Almeida, o jornalista Ribamar Corrêa faz um passeio cirúrgico, nostálgico e lírico pela São Luís da segunda metade do século passado, que transcrevemos a seguir, lembrando os personagens de uma época de ouro desta cidade Patrimônio Cultural da Humanidade

Existiu uma São Luís que o mundo das luzes apontou como uma Atenas nos trópicos, existiu uma São Luís rebelde, existiu uma São Luís musa de poetas e romancistas, e ainda existe uma São Luís que, aos 411 anos de idade e 1,2 milhão de habitantes, está consagrada como Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade e que ainda guarda um pouco de tudo isso e conserva com obstinação a base da sua cultura popular e o seu viés literário. Nessa linha temporal, existiu uma São Luís cujos filhos foram felizes sem se dar conta disso. Essa São Luís, que nasceu nos anos 40 e se desfez nos anos 80 do século passado, período em que o Rádio viveu o seu apogeu, tempo em que a democracia renascida em 45, foi novamente sufocada em 64, quando a televisão desembarcou com força avassaladora e mudou costumes, prenunciando as mudanças revolucionárias que seriam trazidas pelo século XXI, essa cidade, com seu teatro, seus bares, seus cabarês, sua cultura e seus personagens, é mostrada, sem maquiagem e apaixonadamente, em “Éramos felizes e não sabíamos”, o magistral registro em 48 crônicas do jornalista, poeta, romancista e político Bernardo Coelho de Almeida, publicado em 1989.

Os textos são verdadeiros memoriais, quase autobiográficos, que trazem o condão de mostrar uma cidade viva, o seu cotidiano, os seus limites, as suas contradições, realidade pura, sem maniqueísmo. A crônica de abertura, “Um profeta em sua terra” é um verdadeiro mosaico da São Luís dos anos 50/60, mostrada em detalhes por Bernardo de Almeida. Ali estão as ruas principais, as casas comerciais, os bares, ainda os velhos bondes, os poucos “carros de praça” – sinônimos de status –, os cafés, os pontos de encontro, as escolas. Com riqueza de informação, o cronista mostra surpreendente intimidade com a cidade, dando nome às coisas e às pessoas, sugerindo que cada uma tem uma bela história. E com a honestidade de só ter contado o que viu e viveu.

Movido pela ideia de remontar em detalhes a cidade feliz, Bernardo de Almeida, que nela desembarcou aos cinco anos, vindo da longínqua São Bernardo para estudar no Seminário Santo Antônio e se ordenar padre, rascunha, à sua maneira, a origem da felicidade que ele próprio vivenciou integralmente. Naquele tempo, São Luís tinha cinco fábricas de tecido funcionando a todo vapor – Santa Isabel, Cânhamo, Rio-Anil, Santa Amélia e Camboa –, “que nos acordavam ao alvorecer com o silvo dos seus longos apitos (e) davam guarida a milhares de operários saudáveis e felizes”, e era cortada por cinco linhas de bonde. E segue mostrando a pujança do comércio da Praia Grande, onde

duas dezenas de poderosas firmas – Martins & Irmãos, Chames Aboud, Cunha Santos, Gaspar Marques, entre outras – abasteciam a cidade e todo o Maranhão alcançável por terra e mar. Mais para o centro, já na Rua Grande, estavam as lojas sofisticadas, as livrarias, os bazares, os armazéns, as alfaiatarias, as sapatarias que davam a São Luís, por ele definida como “nosso pequeno mundo singelo e tranquilo”, um traço cosmopolita, acentuado com a passagem dos soldados norte-americanos a caminho do front, apesar do seu isolamento do resto do País.

Boêmio incorrigível e avesso a reuniões sociais, Bernardo de Almeida recorda a São Luís dos bares que frequentou e que, ao busca-los na memória, em 1988 reclama que não eram mais como antigamente. Fala de cada um deles com detalhes e profundidade, como se lhes conhecesse a alma. Registra que o famoso bar do Hotel Central tinha suas mesas animadas e bem atendidas pelo garçom Fonseca e pelo português Oliveira Maia. Fala do Moto Bar, “do Serafim”, que tinha o “melhor tira-gosto”, e logo ao lado o Jurandei, de Manoel Santos. A rota boêmia passava pelo Café Paulista, dos irmãos Nicolau, na Rua da Paz. Os boêmios ocupavam também o bar Para Todos, onde eram servidos em pé, e o Bar do Nascimento, um português que servia um “camarão seco fantástico”. Mas o grande ícone foi o Bar do Castro, do generoso espanhol Leôncio Castro, frequentado por boêmios e intelectuais, onde se reunia a nata dos poetas e escritores, a exemplo do grupo que fundou a revista Legendas, idealizada e comandada pelo próprio Bernardo de Almeida: o poeta José Chagas, o jornalista Reginaldo Teles, o pintor Antônio Almeida, o poeta Déo Silva, o cronista Ubiratan Teixeira e o jornalista Benito Neiva. Ali também pontificaram o célebre orador Murilo Ferreira, o poeta-declamador-polemista Carlos Cunha e o articulista e provocador Erasmo Dias.

Bernardo de Almeida escreve que essa São Luís, com pouco mais de 70 mil habitantes, foi também uma cidade onde aos domingos as famílias passeavam na Praça Benedito Leite embaladas pelos dobrados e valsas de uma bandinha instalada no coreto. Mas também foi a São Luís cuja vida noturna acontecia nos cabarês comandados pelas madames Honorina, Ziloca, Maroca, Lolita, Mercedes e Lavínia, frequentado por políticos, empresários, profissionais liberais e jovens, que se divertiam ao som de orquestras. O Carnaval daquela São Luís, sem escolas de samba, era “singelo, comunicativo, alegre e generoso”, com animados corsos, homens vestidos de

mulher e vice-versa, fofões, e era animado pelos famosos bailes de máscara do Moisés, do Waldir Reis, do Mundiquinho, do Dutra e do Edson nos quais as mulheres eram obrigadas a usar máscaras para não serem reconhecidas. Esses bailes, que marcaram época, foram sumariamente proibidos pelo então prefeito Epitácio Cafeteira, que também desfigurou aquela cidade com a retirada dos bondes.

Aquela São Luís tinha fama de abrigar boas escolas, como o Liceu Maranhense, então considerado um templo da educação, o Colégio Santa Teresa, o Maristas, o Ateneu, o Centro Caixeiral, a Escola Técnica, o Colégio São Luís, o Rosa Castro e a Escola Normal. Seus alunos eram brindados com os ensinamentos de mestres como Mata Roma, Rubem Almeida, Zuleide Bogeia, Luiz Rego, Arimateia Cisne, Zoé Cerveira, Lilah Lisboa, Nascimento Moraes, Hipátia Damasceno, entre outros luminares da educação formal. E contava com a medicina “mágica e humanitária” de Carlos Macieira e Odorico Amaral de Matos, entre outras figuras importantes das mais diversas áreas de atuação na cidade.

Era uma cidade intensa e pujante e que ganhou novas luzes com o retorno de Bandeira Tribuzi, após concluir seus estudos em Coimbra, e trazer na bagagem os novos horizontes poéticos abertos com a obra de Fernando Pessoa, uma nova visão de administração pública baseada no planejamento, informações técnicas em grande medida contidas nos ideais socialistas pregados por Karl Marx, os quais cultivou por toda a vida, sem retrocesso nem remorso, como líder de pelo menos três gerações de poetas, e que, da sua obra imortalizada, foi destacada a música “Louvação a São Luís”, adotada como Hino Oficial da Capital do Maranhão.

O cronista Bernardo de Almeida registra, com muito orgulho, a sua rica trajetória de radialista que teve papel central e decisivo na animação daquele “mundo singelo” pelas ondas de Rádio, que produziram naquele momento a Era de Ouro do Rádio no Maranhão, sendo ele o todo-poderoso diretor artístico da Rádio Difusora AM 680, a mais completa e influente emissora do estado. Seu relato é rico de situações e mostra que naquele tempo uma emissora de Rádio era uma grande empresa segmentada – programas de estúdio, programas de auditório, rádio-jornalismo intenso, departamento de esporte, equipe de repórteres, rádio-escuta, cast de cantores e de músicos e de locutores de radionovela – e que influenciava, às vezes decisivamente, qualquer situação, principalmente as de viés político. O ponto alto era o editorial Difusora Opina, ao meio dia, por ele redigido diariamente,

e por meio do qual a emissora se posicionava, o que fazia com que o governador e o motorista de táxi parassem para ouvi-lo. A audiência e a influência da emissora foram consagradas com a versão da Guerra dos Mundos, de Orson Welles, produzida pelo radialista Sérgio Brito com a sonoplastia do célebre Parafuso, que quase levou a cidade à loucura com a suposta invasão de marcianos. E relata o começo do fim da Era de Ouro do Rádio quando, por ironia do destino, ele próprio, que foi um dos seus ícones, apareceu na primeira transmissão da TV Difusora, em 1963. A Difusora AM resistiu, se manteve no topo por alguns anos, mas quedou.

Homem cortês, que tinha talento excepcional para se relacionar e construir amizades, apesar das dificuldades que lhe eram impostas pela condição de político – foi deputado estadual quatro vezes, eleito sempre pela força da sua família em São Bernardo e região –, Bernardo de Almeida enriquece “Éramos felizes e não sabíamos” com crônicas em que traduz, por sua ótica singular, personalidades que tiveram participação importante e às vezes decisiva na vida de São Luís e do Maranhão, como fez com Bandeira Tribuzi no grandioso registro “O profeta em sua terra”, que abre o livro.

A crônica “Éramos felizes e não sabíamos” é um relato primoroso e completo da sua juventude no internato do Colégio Maristas, depois de deixar o seminário por falta de vocação, tendo sobrado apenas um fiel católico, conservador e temente a Deus. Nessa seleção rigorosa, ele destaca a figura incomum e respeitada do senador Henrique de la Rocque, a quem dedicou grande amizade e define como “o melhor homem do mundo”. A crônica “Brilha uma estrela em seu destino” é dedicada a José Sarney, de quem sempre foi adversário político – militava no MDB e Sarney na Arena e sucedê-lo –, mas sempre alimentando uma brecha para manter uma amizade por admiração e afinidade intelectual, tanto que corrige algumas injustiças contra o ex-presidente da República. Nas linhas de “Os enormes sapatos lhe cobriam o rosto fúnebre”, o cronista exalta o escritor, político e polemista Erasmo Dias, destacando seus talentos e sua incontrolável disposição para o confronto. O poeta José Chagas foi seu amigo desde que principiou no plano literário e no Rádio, e com ele somou esforços para divulgar a literatura, sendo um dos seus próximos por toda a vida, tanto que editou seu primeiro livro, “Canção da Expectativa”. José Chagas é a personalidade da crônica “Como admirar um grande poeta”.

No rico registro de personalidades, Bernardo



Cenas da cidade de São Luís que ilustram o livro de Bernardo Almeida

Almeida dedica uma ampla e densa crônica ao escritor e pesquisador Jomar Moraes, com quem manteve relação próxima em todos os momentos importantes, daí o título “Como alcançar a imortalidade”. E prossegue destacando o sacerdócio gramatical de Amaral Raposo, o mecenas do empresário Eduardo Aboud, a genialidade humilde e humana do jornalista e poeta Odylo Costa, filho, a incrível e bem sucedida trajetória do jornalista, escritor, poeta e magistrado superior Edson Vidigal – “o menino do Beco do Urubu”, e o coração grande do médico e governador Jorge Dino. Registra a paixão pelo cinema e mostra que essa arte foi um dos pilares da cultura espantosa de Fernando Moreira, um dos gênios literários do seu tempo, e destaca em “A grande mulher maranhense”, a dignidade da médica Maria Aragão – militante de esquerda que enfrentou a ditadura como poucos e que se tornou uma referência. E enxerga o padre, médico e militante católico João Mohana como um quase santo, “um ser especial, inteiramente voltado para amar seus semelhantes em adoração ao Senhor”.

Bernardo de Almeida registra alguns momentos da sua vida como político em “Nem tudo está perdido”, mostra em “Música, divina música” toda a força da sua paixão pela música, explicada em parte pela sua longa atuação como diretor artístico da Rádio Difusora, o que dá a “Éramos felizes e não sabíamos” um retrato do mundo feliz no qual viveu até se dar conta de que ele não mais existia quando, infelizmente, o Rádio perdeu força e o prestígio, a TV impôs uma nova realidade, os bares deixaram de ser redutos da boêmia autêntica e a violência das ruas começou a mostrar sua cara em São Luís. Além de “Éramos felizes e não sabíamos”, Bernardo de Almeida escreveu “Luz! Mais luz!” e “A gênese do azul” (poesia), “Galeria” (crônicas), “A última promessa” (romance) e “O Bequimão” (romance). Pouco antes de morrer, em 1997, aos 69, anos, reclamava que o trabalho e a boêmia não o deixaram escrever o quanto que deveria e queria ter escrito.

São Luís, 8 de Setembro de 2023.

Ribamar Corrêa

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

[@evandrojr](https://twitter.com/evandrojr)

[@evandrojr](https://www.instagram.com/evandrojr)



Esse será o clima deste domingo no circuito Feirinha São Luís x Casarão Colonial. É para quem gosta de um bom samba e não dispensa a descontração de uma boa partida de futebol

Samba, cerveja e futebol

Neste domingo, o time Feirinha São Luís x Casarão Colonial vai entrar novamente em campo. No palco da Feirinha, se apresentam Feijoada Completa, Fabrícia e o DJ Arsênio Filho (que deu show no comando das picks up na festa alusiva ao aniversário de São Luís na Maria Aragão), começando às 10h, na Praça João Lisboa.

Depois, a partir das 15h, a festa continua no Casarão, na Rua Afonso Pena, com Argumento, Os Parças, Thiaguim, Bruno Shinoda e Arsênio Filho. A torcida animada ainda vai poder assistir à transmissão da partida entre Flamengo x São Paulo em um telão de Led. Ou seja, serão dez horas de festa e seis bandas. Do jeito que a galera gosta!



Marcelo Aragão tratará das estratégias de sucesso para grandes eventos

Bate-papo sobre Gastronomia, hotelaria e eventos

“Maranhão na Rota do Turismo – Gastronomia, Hotelaria e Eventos” é o tema da masterclass anunciada para 25 de setembro, às 19h, no Blue Tree Hotel (Calhau), de iniciativa da Faculdade de Negócios Faene em parceria com o empreendimento hoteleiro.

Além do diretor da instituição, Ricardo Carreira, e da diretora do Blue Tree, Jacira Haickel, o bate-

papo contará com a participação de Lula Fylho (Por acaso Bar e Restaurante Casa de Juja) e Marcelo Aragão (4Mãos Eventos e Qu4tro Bar).

Além deles, estarão presentes o secretário municipal de Turismo de São Luís, Saulo Santos, o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hoteis (ABIH/MA), Armando Ferreira, e a presidente da Associação

Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL/MA), Camila Di Minda.

Os convidados falarão sobre as experiências em seus respectivos campos de atuação. Lula Fylho abordará os desafios da gestão de bares e restaurantes, Marcelo Aragão tratará das estratégias de sucesso para grandes eventos e os demais farão uma exposição de ideias para o turismo de excelência.



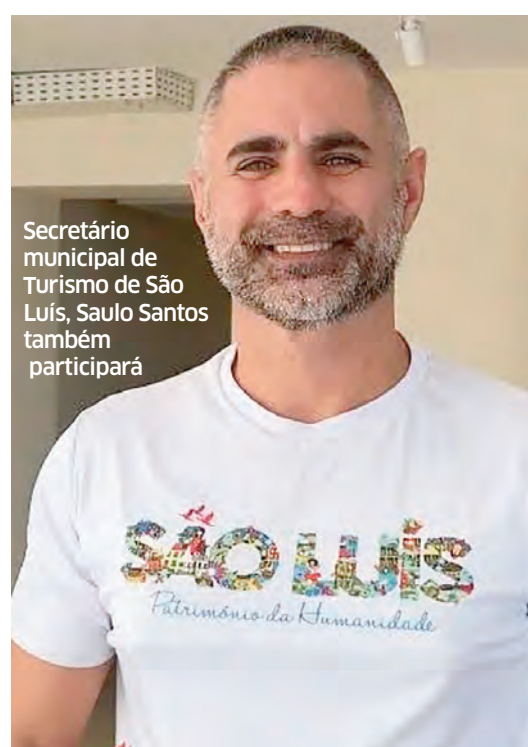
Lula Fylho abordará os desafios da gestão de bares e restaurantes



Armando Ferreira fará uma exposição de ideias para o turismo de excelência

- O Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, tem sediado os mais diferentes tipos de eventos.
- Devido a sua localização estratégica e privilegiada, próximo às praias e ao Centro Histórico, o empreendimento hoteleiro tem sido bastante procurado, inclusive por empresas, instituições, órgãos públicos e entidades as mais diversas.
- A estrutura, incluindo amplos salões, agradáveis restaurantes e a área da piscina com uma vista deslumbrante para a Baía de São Marcos, faz toda a diferença.

- No feriado da Semana da Pátria, o hotel e resort sediou, nos dias 7 e 8 de setembro, mais uma edição do Congresso 'Jovens Que Vencem', da Igreja Internacional da Graça de Deus.
- O evento foi uma espécie de retiro espiritual em que os participantes praticaram a fé e interagiram uns com os outros, bem como participaram de atividades culturais e de lazer.
- O congresso pegou carona na campanha 'Setembro Amarelo', que trata de saúde mental, e abordou o tema "Ainda não é o fim. É só o começo".



Secretário municipal de Turismo de São Luís, Saulo Santos também participará



Camila Di Minda é outra convidada do evento



A holandesa Nathalie Aarts vai desembarcar em São Luís no dia 23 para festa flashback no Palazzo Eventos

Nathalie Aarts vem para a 'Hot Mix Brasil'

Um show internacional marcará a terceira edição deste ano da festa temática 'Hot Mix Brasil', a ser realizada no próximo dia 23 de setembro, às 21h, no Palazzo Eventos (Araçagi).

A convidada especial é a cantora Nathalie Aarts, vocalista do grupo The Sound Lovers, projeto que despontou nos anos 1990 e que até hoje faz sucesso pelo mundo afora, lotando as festas no estilo flashback.

O evento contará com a presença dos DJs Claudinho Polary, Henrique Carvalho e Mauro Dejota, além de grupos de dança que executarão coreografias montadas especialmente para as músicas dessa mesma década.

A festa será uma noite marcante para relembrar os tempos áureos das boates mais famosas de São Luís nos anos 90 e 2000, a exemplo da Extravagance, Tucano's, Taj Mahal, Ninja e Seven Night.

Nathalie Aarts, que é uma das maiores expressões da música dos anos 1990, vai apresentar sucessos das pistas, como "Abracadabra", "Surrender", "Walking", "Living in your head", "People", entre outros.

A artista holandesa, ao mudar-se para a Itália (Milão), encontrou os conhecidos produtores italianos Roby Santini, Gianni Fontana, Molella e Phil Jay, além do cantor argentino German Leguizamon. Esse encontro resultou na criação do The Soundlovers, um projeto de dance music do qual Nathalie é vocalista desde 1996.



Garantir prestação de serviços do CREA-MA online, por 24 horas, aos profissionais e à sociedade, estabelecer convênios e Termos de Cooperação Técnica em parcerias público-privadas, fiscalizar o exercício profissional, protegendo os profissionais da Engenharia, Agronomia e Geociências para garantir segurança à sociedade e implantar projeto de educação continuada para os profissionais das engenharias e geociências estão entre as principais propostas do engenheiro Emanuel Miguez, forte candidato ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Maranhão (CREA-MA)



Claudinho Polary, Henrique Carvalho e Mauro Dejota comandam o selo Hot Mix Brasil